

RETORNO DAS CRIANÇAS NOS ESPAÇOS DE VIVÊNCIAS, PÓS PANDEMIA: DESAFIOS E RELATOS DE PROFESSORAS.

Renata da penha Coelho Mata ¹
Welida Katiane Santos Sousa Lima ²
Paola Simone Alves da Silveira ³

INTRODUÇÃO

Tempo tempo tempo tempo, vou te fazer um pedido... E quando eu tiver
saído para fora do teu círculo,
Tempo tempo tempo tempo, não serei nem terás sido...
Tempo tempo tempo tempo...

Caetano Veloso

Na *Oração ao tempo*, acima, o eu lírico tenta fazer acordos, para que possa viver da melhor forma possível e em harmonia com os ciclos da natureza, pois só com o tempo e por meio de nossas ações seremos capazes de realizar transformações. O tempo de Caetano pode ser também o tempo das crianças, o tempo que elas precisam para viver harmonicamente a infância, sem atropelos, sem o tempo do relógio, vivendo um outro nível de vínculo com esse tempo, que não seja marcado em uma cadência única, cronológica - esse tempo controlador dos adultos.

Esse mesmo tempo, transformador, nos fez parar muitas atividades pedagógicas por dois anos, com a pandemia do Covid 19. E, agora, perguntamos, que tempo foi esse? O que trouxe de bom? O que deixou de prejuízos para nossas crianças? E, para nós, os adultos e educadores? Há dois anos estamos vivendo um tempo sombrio, diferente de tudo que já havíamos experimentado. E nossas crianças, como estão reagindo a tudo isso? Tão pequenas e já tiveram que vivenciar experiências tão ruins e dolorosas.

Ancoradas na pesquisa qualitativa, buscamos ouvir por meio de entrevistas semiestruturadas, quais foram os enfrentamentos que os professores vivenciaram com o retorno presencial das aulas. Optou-se pela investigação qualitativa porque segundo Bogdan e Biklen, (1994) esses estudos conjecturam uma espécie de diálogo entre os investigadores e sujeitos, não existindo uma relação hierárquica, já que a entrevista pode ser permeada pela interação, deixando que as informações fluam de maneira autêntica, conforme afirmou Lüdke; André (1986). E estaremos alicerçadas pelo

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal - UFMT, renata_penha_mata@hotmail.com;

² Coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação - MT, heitoramor_@hotmail.com;

³ Mestranda em Educação pela Universidade Federal - UFMT, paolasilveira.s72@gmail.com;

método autobiográfico, porque compactuamos com Abrahão (2004) quando se refere a esse método de pesquisas como sendo uma forma de pesquisa onde o sujeito, em sua história de vida, se torna visível para si e para os outros, de forma mais significativa.

Foram sujeitos desta pesquisa profissionais que atuam em três unidades de Educação Infantil de Rondonópolis-MT, que atendem crianças de 4 e 5 cinco anos de idade, sendo: duas professoras, e uma diretora, identificadas na pesquisa como professora E.S, professora S.M, diretora P.K.

A pesquisa objetivou revelar as percepções quanto aos efeitos provocados pela pandemia nas crianças durante o período de isolamento social. Quais os prejuízos acarretados em seus corpos pela falta de interação e socialização e quais as estratégias pensadas pelas professoras e equipe diretiva para minimizar os prejuízos acarretados por esse tempo em que as crianças ficaram em isolamento, sem frequentar os espaços de convivência das Unidades?

Os dados coletados possibilitaram a escolha de dois eixos de análise, quais sejam:

EIXO I: O que narram as professoras e equipe diretiva sobre o retorno das aulas presenciais, quais suas percepções sobre as crianças, seus corpos, seu jeito de estar no convívio de seus pares, pós pandemia?

EIXO II: Quais as estratégias utilizadas pela unidade para minimizar os danos causados pela Pandemia?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante de tantas descobertas científicas e avanços tecnológicos, o Brasil e o mundo não ficaram fora das consequências da pandemia de Covid-19 desde o início de 2020, e esse período trouxe repercussões em vários aspectos da vida, em escala global, nos âmbitos sociais, econômicos, políticos, culturais, tecnológicos e, especialmente, na saúde, fazendo com que o mundo adotasse medidas de isolamento social.

Após há algum tempo e atendendo ao cumprimento de decretos, as escolas tiveram que retornar suas atividades, presencialmente; incertezas e medos dominavam os sentimentos de muitos professores; aos poucos, com todo cuidado que ainda se faz necessário, as rotinas foram se adaptando ao novo “normal” e aos poucos as marcas deixadas pela pandemia começaram a ficar em evidências. E a partir de então, o grande desafio da escola passou a ser como começar o trabalho pedagógico com as crianças

que ficaram todo este tempo em isolamento social e como conduzir com aquelas crianças que, por conta da pandemia, não tinham ainda frequentado os espaços de referências, e que não tinham ainda passado pela experiência de conviver em grupo?

Assim, surgiam as dúvidas: como minimizar os danos causados aos corpos dessas crianças por todo esse tempo de emparedamento? Como afirma Tiriba (2018, p. 44) “os pátios escolares surgem como espaços privilegiados para fazer da escola um lugar de viver a infância” de propiciar e mediar o protagonismo da criança, pois, “Assim como o desemparedamento das crianças é essencial, o desemparedamento dos educadores em formação é uma necessidade e uma consequência” (p.49).

Neste sentido, ao ouvir as professoras e equipe diretiva sobre suas percepções diante das grandes mudanças que ocorreram nos últimos dois anos, sobre os corpos das crianças, ante ao exposto, trazemos a análise do I Eixo, quando as professoras e equipe diretiva narram sobre suas percepções e impactos causados, na criança, pela pandemia:

Tenho percebido que a grande maioria das crianças não sabe brincar ou parece que esqueceu. Se esqueceram de como se vive em sociedade. A dificuldade em dominar seu próprio corpo é gritante. Creio eu que essas dificuldades se dão, devido ao uso excessivo das tecnologias. Os pais hoje em dia não dedicam nenhum tempo para ensinar seus filhos em todos os aspectos. (Entrevista, S.M, agosto/2022)

A fala da professora revela a desconexão dos corpos e seus movimentos causados pelo momento pandêmico e compõem um problema sistêmico, que leva a profundos impactos no desenvolvimento das crianças; a falta de interação entre crianças e natureza revelou graves consequências como déficit de atenção, baixa motricidade, falta de equilíbrio dentre outros problemas causados também pelo tempo excessivo que as crianças passaram frente aos aparelhos tecnológicos, como aponta a professora, fatores que são reforçados por Lea Tiriba (2018) quando afirma que:

o convívio com a natureza na infância, especialmente por meio do brincar livre, ajuda a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e de resolver problemas, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento integral da criança (p. 17)

Neste sentido, é imperativo que o adulto permita que as crianças convivam e explorem os diversos espaços ao seu redor, com a consciência de que elas necessitam mais da natureza do que dos espaços fechados e isolados. No entanto, precisamos

respeitar os limites que a vida nos exige, em um momento delicado onde o retorno já era possível, os cuidados ainda continuam imprescindíveis para nos mantermos vivos e com saúde.

Ao analisar o segundo eixo, trazemos as concepções das professoras e equipe diretiva quando tratam sobre as estratégias utilizadas para minimizar os danos causados nas crianças pelo isolamento social.

Primeiramente analisamos quais fatores mais prejudicaram as crianças durante este período, após fazermos esse levantamento, percebemos que era geral o atraso na linguagem, coordenação motora e socialização, e ao perguntar às crianças do que elas mais sentiram falta durante este período de isolamento, elas responderam que sentiram falta de brincar no parque com os amiguinhos, de correr e de brincar no pátio. A partir daí começamos a realizar atividades ao ar livre para que elas se sentissem melhor. (Entrevistada S.M, agosto/2022)

A esse respeito Lea Tiriba afirma que precisamos ouvir as crianças, pois elas revelam muito sobre os espaços escolares: “Nesse caminho, os pátios e toda a escola podem ser espaços de alegria, que instigam a descoberta e a experimentação e propiciam a construção de conhecimentos e o desenvolvimento humano” (TIRIBA, 2018 p. 42).

Já a diretora de um CMEI disse que percebeu um grande déficit das crianças com relação às interações interpessoais. Muitas crianças apresentaram comprometimento na fala e na coordenação motora. Relatou também que as crianças apresentaram dificuldades para ir ao banheiro sozinhas, não conseguindo fazer a higiene pessoal. Percebeu-se também obstáculos para calçar os sapatos. A diretora fez questão de evidenciar a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento integral das crianças e relatou o que a unidade tem proposto sair do emparedamento, têm levado as crianças para vivenciarem espaços verdes, com terra, grama, chão batido, natureza.

Então, como o nosso CMEI trabalha com metodologias de projetos, a gente proporciona muitas experiências mesmo para as crianças, é muita...é... a gente possibilita mesmo igual assim, os passeios...já fizemos três passeios com eles, né? até a data de hoje. Então, assim, são experiências que a gente sabe que ficam marcadas para as crianças, como andar de ônibus... Muitas crianças nossas nunca tinham andado de ônibus, né? Então, assim, é... são experiências únicas para as crianças. E o que a gente pode fazer, né? É um trabalho das professoras, junto com a gestão da escola, comprometido, né? com o desenvolvimento da criança, né? Que a gente tem que considerar, né? todo o fator histórico, social, intelectual da criança. A gente enquanto equipe gestora, a gente propõe assim, que o trabalho do CMEI precisa ser desenvolvido com qualidade e com responsabilidade e que elas realmente garantam o direito das

crianças a seu desenvolvimento pleno. (Entrevista, P. K, agosto/2022)

A unidade trabalha com a metodologia de projetos e conta com um espaço adequado para atividades ao ar livre. Já realizaram três passeios e foi perceptível a surpresa das crianças ao chegarem em ambientes com gramas, ao ar livre. A unidade tem proposto tirar as crianças do espaço de referência para conhecerem outros ambientes, com o intuito de amenizar os danos causados por tanto tempo em que ficaram “nas telas” (fala da diretora). Esta sensibilidade para perceber o que faz bem às crianças é uma espécie de escuta, como aborda Souza:

Quando escutada, mesmo em tempos de pandemia, a criança é protagonista, tem o direito à voz no contexto educacional, tem o direito de aprender, ela passa a participar ativamente do seu processo de construção de conhecimento, produz cultura, produz conhecimento e faz descobertas (2021, p. 60).

A proposta de trabalho deste CMEI nos remete ao que propõe Louv (2018, p. 29): “A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos. Dada a oportunidade a criança leva a confusão do mundo para a natureza, lava tudo no riacho e vira do avesso para ver o que há do outro lado.” Acreditamos nessa capacidade da criança de virar as coisas do avesso, a capacidade de transformar, de criar, de invencionar. Quanto a isso, Gandhi Piorsk diz em um post, no seu blog, que:

No riacho caudaloso, nas marés neurológicas, as mãos são, das ferramentas corporais, as maiores provocadoras de neurônios, de rastilhos sinápticos, rainhas do fluxo *inteligencial*. As crianças que perscrutam as fixações, os cortes e as afiações, têm suas mãos cheias de cicatrizes. Cicatrizes nas mãos superam de longe qualquer outra cicatriz corporal. São marcas, vitórias incalculáveis para culminâncias perceptivas. Percepção e mãos são coisas que se maturam juntas.

Nessa perspectiva, corroboramos com o autor e propomos aos educadores deixar as crianças vivenciarem experiências diversas, explorarem os espaços ao ar livre, subir em árvores, pular, correr, saltar. Enfim, deixar os corpos das crianças livres para viverem o movimento e o balanço da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao exposto, as professoras e equipe diretiva trazem relatos dos grandes desafios que a escola enfrenta neste período de pós pandemia, também apontam que a escola tem se esforçado e que os profissionais têm se dedicado a contribuir para que

os danos sofridos, em decorrência a este período seja de alguma forma minimizados, e as crianças apresentem um desenvolvimento significativo.

Neste sentido, podemos inferir que se torna imprescindível um olhar de sensibilidade ao corpo da criança, no sentido de deixá-la se expressar, pois, segundo Tiriba (2018, p. 89): “A natureza oferece infinitas possibilidades que saciam os diversos desejos e interesses das crianças, fazendo que cada uma delas se sinta acolhida em sua individualidade.” Dessa forma, salientamos que a Educação Infantil precisa ser um lugar acolhedor de escuta sensível e de um olhar “caudaloso” para as questões dos corpos vivos e vívidos pela natureza. Portanto, essa questão diz respeito à formação de professores e esperamos, assim, ter contribuído para o início do diálogo.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO.M.H.B. (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BORGES, S. **Entrevista [2022]**. Entrevistadora: Renata da penha Coelho Mata. Rondonópolis, 2022. 1 arquivo word (1p.)

KENFF, P. **Entrevista [2022]**. Entrevistadora: Paola Simone Alves da Silveira. Rondonópolis, 2022. 1 arquivo Android (1:07min.)

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

PIORSKI, Gandhi. **As mãos e a criança: a alma e as mãos**. Disponível em <https://www.gandhypiorski.com.br/post/as-m%C3%A3os-e-a-crian%C3%A7a-a-alma-e-as-m%C3%A3os> Acesso em 05/09/2022

SENA, E. **Entrevista [2022]**. Entrevistadora: Renata da penha Coelho Mata. Rondonópolis, 2022. 1 arquivo word (1p.)

SOUZA, Genilda Nascimento De. **Narrativas da minha constituição docente na educação infantil: o brincar e a escuta das crianças**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, PPGEDU, Rondonópolis, 2021.

TIRIBA, Léa. **Desemparedamento da infância: A escola como lugar de encontro com a natureza**. Rio de Janeiro, julho de 2018. 2ª ed.

_____. **Educação Infantil como direito e alegria: Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. 1ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.